

2ª FASE EXAME DISCURSIVO

01/12/2013

Língua Portuguesa/Literatura Brasileira

Caderno de prova

Este caderno, com dezesseis páginas numeradas sequencialmente, contém dez questões de Língua Portuguesa/Literatura Brasileira.

Não abra o caderno antes de receber autorização.

Instruções

1. Verifique se você recebeu mais dois cadernos de prova.
2. Verifique se seu nome, seu número de inscrição e seu número do documento de identidade estão corretos nas sobrecapas dos três cadernos.
Se houver algum erro, notifique o fiscal.
3. Destaque, das sobrecapas, os comprovantes que têm seu nome e leve-os com você.
4. Ao receber autorização para abrir os cadernos, verifique se a impressão, a paginação e a numeração das questões estão corretas.
Se houver algum erro, notifique o fiscal.
5. Todas as respostas e o desenvolvimento das soluções, quando necessário, deverão ser apresentados nos espaços apropriados, com caneta azul ou preta de corpo transparente.
Não serão consideradas as questões respondidas fora desses espaços.

Informações gerais

O tempo disponível para fazer as provas é de cinco horas. Nada mais poderá ser registrado após o término desse prazo.

Ao terminar, entregue os três cadernos ao fiscal.

Nas salas de prova, não será permitido aos candidatos portar arma de fogo, fumar, usar relógio digital ou boné de qualquer tipo, bem como utilizar corretores ortográficos líquidos ou similares.

Será eliminado do Vestibular Estadual 2014 o candidato que, durante a prova, utilizar qualquer instrumento de cálculo e/ou qualquer meio de obtenção de informações, eletrônicos ou não, tais como calculadoras, agendas, computadores, rádios, telefones, receptores, livros e anotações.

Será também eliminado o candidato que se ausentar da sala levando consigo qualquer material de prova.

Boa prova!

TEXTO I

Diálogo da relativa grandeza

Sentado no monte de lenha, as pernas abertas, os cotovelos nos joelhos, Doril examinava um louva-deus pousado nas costas da mão. Ele queria que o bichinho voasse, ou pulasse, mas o bichinho estava muito à vontade, vai ver que dormindo – ou pensando? Doril tocava-o com a unha do dedo menor e ele nem nada, não dava confiança, parece que nem sentia; se Doril não visse o leve pulsar de fole¹ do pescoço – e só olhando bem é que se via – era capaz de dizer que o pobrezinho estava morto, ou então que era um grilo de brinquedo, desses que as moças pregam no vestido para enfeitar.

Entretido com o louva-deus, Doril não viu Diana chegar comendo um marmelo, fruta azeda enjoada que só serve para ranger os dentes. Ela parou perto do monte de lenha e ficou descascando o marmelo com os dentes mas sem jogar a casca fora, não queria perder nada. Quando ela já tinha comido um bom pedaço da parte de cima e nada de Doril ligar, ela cuspiu fora um pedaço de miolo com semente e falou:

– Está direitinho um macaco em galho de pau.

Doril olhou só com os olhos e revidou:

15 – Macaco é quem fala. Está até comendo banana.

– Marmelo é banana, besta?

– Não é mas serve.

Ficaram calados, cada um pensando por seu lado. Diana cuspiu mais um caroço.

– Sabe aquele livro de história que o Mirto ganhou?

20 – Que Mirto, seu. É Milllton. Mania!

– Mas sabe? Eu vou ganhar um igual. Tia Jura vai mindar.

– Não é mindar. É me-dar. Mas não é vantagem.

– Não é vantagem? É muita vantagem.

– Você já não leu o de Milton?

25 – Li mas quero ter. Pra guardar e ler de novo.

- Vantagem é ganhar outro. Diferente.
- Deferente eu não quero. Pode não ser bom.
- Como foi que você disse? Diz de novo?
- Já disse uma vez, chega.

30 – Você disse deferente.

- Foi não.
- Foi. Eu ouvi.
- Foi não.
- Foi.

35 – Foi não.

- Foooooi.

Continuariam até um se cansar e tapar o ouvido para ficar com a última palavra, se Diana não tivesse tido a habilidade de se retirar logo que percebeu a dízima². Com o pedacinho final do marmelo entre os dedos ela chegou-se mais perto do irmão e disse:

40 – Gi! Matando louva-deus! Olhe o castigo!

- Eu estou matando, estou?
- Está judiando³. Ele morre.
- Eu estou judiando?
- Amolar um bicho tão pequenininho é o mesmo que judiar.

45 Doril não disse mais nada, qualquer coisa que ele dissesse ela aproveitaria para outra acusação. Era difícil tapar a boca de Diana, ô menina renitente⁴. Ele preferiu continuar olhando o louva-deus. Soprou-o de leve, ele encolheu-se e vergou o corpo para o lado do sopro, como faz uma pessoa na ventania. O louva-deus estava no meio de uma tempestade de vento, dessas que derrubam árvores e arrancam telhados e podem até levantar uma pessoa do chão. Doril era a
50 força que mandava a tempestade e que podia pará-la quando quisesse. Então ele era Deus? Será que as nossas tempestades também são brincadeira? Será que quem manda elas olha para nós como Doril estava olhando para o louva-deus? Será que somos pequenos para ele como um gafanhoto é pequeno para nós, ou menores ainda? De que tamanho, comparando – do de formiga? De piolho de galinha? Qual será o nosso tamanho mesmo, verdadeiro?

JOSÉ J. VEIGA

A máquina extraviada. Rio de Janeiro: Editora Prelo, 1968.

¹ fole – papo

² dízima – refere-se à dízima periódica, algo sem fim

³ judiar – maltratar

⁴ renitente – teimosa

QUESTÃO

01

Ele preferiu ficar olhando o louva-deus. Soprou-o de leve, ele encolheu-se e vergou o corpo para o lado do sopro, (l. 46-47)

Será que as nossas tempestades também são brincadeira? Será que quem manda elas olha para nós como Doril estava olhando para o louva-deus? (l. 51-52)

Nos dois trechos acima, há uma variação no envolvimento do narrador com a história que ele conta. Explique em que consiste essa variação. Em seguida, indique o recurso gramatical usado para expressá-la.

QUESTÃO

02

era capaz de dizer que o pobrezinho estava morto, (l. 5-6)

Continuariam até um se cansar e tapar o ouvido para ficar com a última palavra, (l. 37) qualquer coisa que ele dissesse (l. 45)

Será que as nossas tempestades também são brincadeira? (l. 51)

Nestas quatro passagens, retratam-se situações hipotéticas, apenas imaginadas pelo narrador ou pelos personagens.

Caracterize a forma linguística usada em cada uma para exprimir suposição em lugar de certeza.

QUESTÃO
03

No último parágrafo, as perguntas formuladas dizem respeito à relatividade dos animais e dos homens quando comparados uns aos outros. Essa ideia de que nada é absoluto também pode ser percebida nos diálogos entre os personagens Doril e Diana.

Transcreva, desses diálogos, duas passagens que exemplifiquem a percepção da relatividade retratada no conto. Justifique suas escolhas.

QUESTÃO
04

Observe que, nos fragmentos abaixo, os pronomes **o** e **elas** desempenham a mesma função sintática: objeto direto.

a) Soprou-o de leve, ele encolheu-se e vergou o corpo para o lado do sopro, como faz uma pessoa na ventania.

b) Será que quem manda elas olha para nós como Doril estava olhando para o louva-deus?

Explique a diferença de formas entre os pronomes, com base na diversidade de usos da língua.

Reescreva integralmente cada construção sublinhada, de modo que o item **a** passe a ter a forma característica de **b**, e **b** passe a ter a forma característica de **a**.

TEXTO II

Uma aranha

ela surgiu não sei de onde
quando abri o Dicionário de Filosofia
de José Ferrater Mora
(no verbete *Descartes, René*) mi-
5 núscula
com suas muitas perninhas
quase invisíveis
cruzou a página 1305 como se flutuasse
(uma esfera de ar
10 viva)
e foi postar-se no alto
no limite entre o texto e a margem branca
enquanto eu
fascinado
15 indagava:
como pode residir
insuspeitado
nestas encardidas páginas
– em minha casa, afinal de contas –
20 um tal ser
mínimo mas vivo
consciente de si
(e como eu
parte do século XXI)
25 e que agora parece observar-me
tão espantado quanto estou
com este nosso inesperado encontro?

FERREIRA GULLAR

Em alguma parte alguma. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

QUESTÃO
05

Um tema característico da renovação poética modernista é a valorização do cotidiano, como se observa em **Uma aranha**. No poema, essa valorização se expressa por meio da seleção vocabular e da referência às dúvidas existenciais. Observe os fragmentos:

I

*ela surgiu não sei de onde
quando abri o Dicionário de Filosofia
de José Ferrater Mora
(no verbete Descartes, René) mi-
núscula (v. 1-5)*

II

*como pode residir
insuspeitado
nestas encardidas páginas
– em minha casa, afinal de contas –
um tal ser (v. 16-20)*

Identifique duas palavras ou expressões que comprovam a valorização do cotidiano. Indique, também, o fragmento em que se evidencia a referência a dúvidas existenciais a partir de elementos do cotidiano e transcreva desse fragmento a palavra que revela a surpresa do poeta.

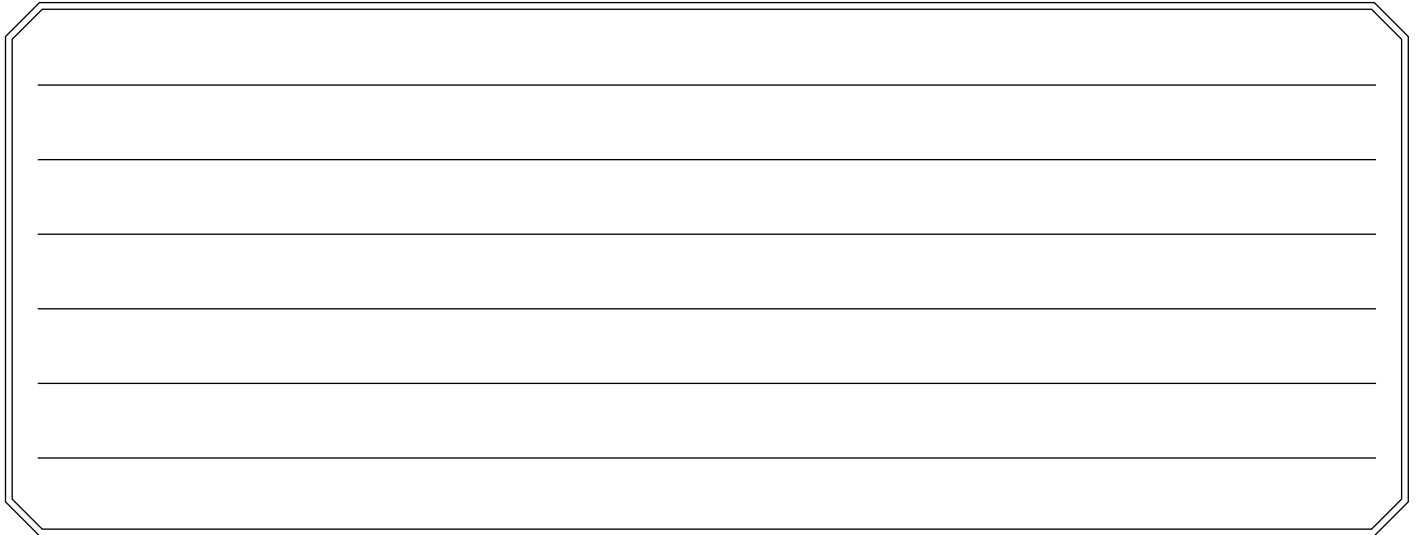
QUESTÃO

06

Pode-se observar uma semelhança e uma diferença nas representações do louva-deus, no texto I, e da aranha, no texto II. Um traço comum a ambos é a estrutura delicada e frágil do corpo, destacada logo no início dos textos. O traço diferenciador é a relação entre o animal e o ser humano.

Transcreva de cada um dos textos a expressão que mais explicitamente revela o traço comum ao louva-deus e à aranha.

Em seguida, indique o título do texto em que a relação entre animal e ser humano é de dominação, justificando sua resposta por meio de um enunciado completo.

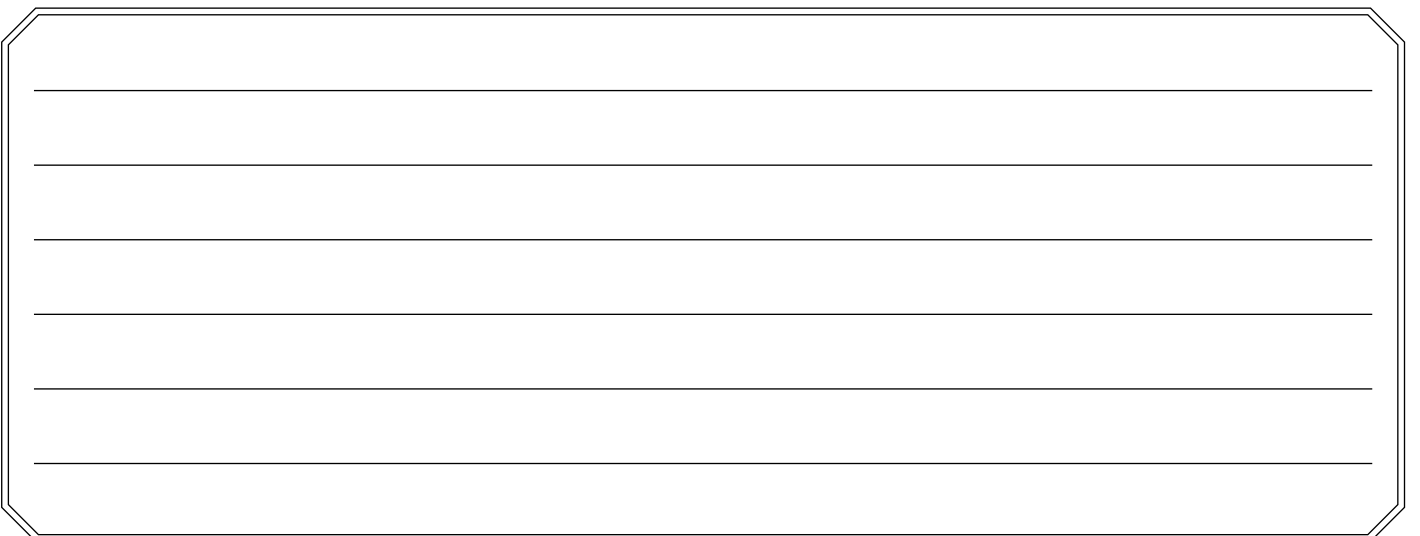


QUESTÃO

07

Quatro trechos do poema estão delimitados graficamente por parênteses ou travessões. Dois deles empregam linguagem com características especiais: uma técnica e outra poética.

Identifique esses dois trechos e cite a linguagem característica observada em cada um.



TEXTO III

Gato gato gato

Familiar aos cacos de vidro inofensivos, o gato caminhava molengamente por cima do muro. O menino ia erguer-se, apanhar um graveto, respirar o hálito fresco do porão. Sua úmida penumbra. Mas a presença do gato. O gato, que parou indeciso, o rabo na pachorra¹ de uma quase interrogação.

(...)

- 5 Gato – leu no silêncio da própria boca. Na palavra não cabe o gato, toda a verdade de um gato. Aquele ali, ocioso, lento, emoliente² – em cima do muro. As coisas aceitam a incompreensão de um nome que não está cheio delas. Mas bicho, carece nomear direito: como rinoceronte, ou girafa se tivesse mais uma sílaba para caber o pescoço comprido. Girarafa, girafafa. Gatimonha, gatimanho³. Falta um nome completo, felinoso e peludo, ronronante⁴ de astúcias adormecidas.
- 10 O pisa-macio, as duas bandas de um gato. Pezinhos de um lado, pezinhos de outro, leve, bem de leve para não machucar o silêncio de feltro nas mãos enluvadas.

O pelo do gato para alisar. Limpinho, o quente contato da mão no dorso, corcoveante⁵ e nodoso⁶ à carícia. O lânguido sono de morfinômano⁷. O marzinho de leite no pires e a língua secreta, ágil. A ninhada de gatos, os trêmulos filhotes de olhos cerrados. O novelo, a bola de papel –

- 15 o menino e o gato brincando. Gato lúdico⁸. O gatorro, mais felino do que o cachorro é canino. Gato persa, gatochim – o espirro do gato de olhos orientais. Gato de botas, as aristocráticas pantufas do gato. A manha do gato, gatimanha: teve um gata miolenta⁹ em segredo chamada Alemanha.

- 20 Em cima do muro, o gato recebeu o aviso da presença do menino. Ondulou de mansinho alguns passos denunciados apenas na branda alavanca das ancas. Passos irrealis, em cima do muro eriçado¹⁰ de cacos de vidro. E o menino songa-monga¹¹, quietinho, conspirando no quintal, acomodado com o silêncio de todas as coisas.

- 25 No se olharem, o menino suspendeu a respiração, ameaçando de asfixia tudo que em torno dele com ele respirava, num só sistema pulmonar. O translúcido manto de calma sobre o claustro¹² dos quintais. O coração do menino batendo baixinho. O gato olhando o menino vegetalmente nascendo do chão, como árvore desarmada e inofensiva. A insciência¹³, a inocência dos vegetais.

(...)

- 30 Menino e gato ronronando em harmonia com a pudica intimidade do quintal. Muro, menino, cacos de vidro, gato, árvores, sol e céu azul: o milagre da comunicação perfeita. A comunhão dentro de um mesmo barco. O que existe aqui, agora, lado a lado, navegando. A confiança essencial prestes a exalar, e sempre adiada. E nunca. O gato, o menino, as coisas: a vida túmida¹⁴ e solidária. O teimoso segredo sem fala possível. Do muro ao menino, da pedra ao gato: como a árvore e a sombra da árvore.

OTTO LARA RESENDE

BOSI, Alfredo. *O conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Cultrix, 1975.

¹ pachorra – lentidão

² emoliente – que amolece

³ gatimonha, gatimanho – movimento lento com as mãos

⁴ ronronante – referente ao ruído produzido pelo gato

⁵ corcoveante – ondulante

⁶ nodoso – cheio de nós

⁷ morfinômano – que gosta de dormir

⁸ lúdico – relativo à brincadeira, ao jogo

⁹ miolenta – combinação de miar + lenta

¹⁰ eriçado – arrepiado

¹¹ songa-monga – dissimulado

¹² claustro – pátio interior nos conventos

¹³ insciência – ignorância

¹⁴ túmida – inchada

QUESTÃO

08

O texto **Gato gato gato** faz um uso inovador da língua, de modo a explicitar a necessidade de inventar palavras. Num dos parágrafos do texto, o autor justifica a renovação vocabular por ele praticada.

Com base nesse parágrafo, apresente a razão oferecida pelo autor para renovar o vocabulário. Transcreva duas palavras, retiradas desse mesmo parágrafo, que ilustrem essa justificativa.

QUESTÃO

09

Em cima do muro, o gato recebeu o aviso da presença do menino. (l. 19)

O adjunto adverbial que ocorre neste enunciado pode ser deslocado para outras posições; em uma delas, porém, a frase se tornará ambígua.

Reescreva o enunciado duas vezes com o deslocamento do adjunto, de modo a manter o sentido original em uma e a criar ambiguidade em outra. Aponte, também, a construção ambígua e explique-a.

QUESTÃO

10

Gato persa, gatochim – o espirro do gato de olhos orientais. (ℓ. 16)

Ondulou de mansinho alguns passos denunciados apenas na branda alavanca das ancas.
(ℓ. 19 - 20)

Os termos sublinhados acima evidenciam dois recursos de exploração da camada sonora das palavras.

Nomeie esses dois recursos. Em seguida, indique aquele que é um exemplo de neologismo, explicitando seu significado.

